



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

CÍRCULOS DO SAGRADO FEMININO: INICIAÇÕES TEÓRICAS

Autores: DEBORAH DIAS PEREIRA;

Introdução

Um dos fenômenos mais expressivos que se apresentaram ao longo do século XX foi o retorno, no Ocidente, da religião da Deusa, ou culto à Grande Mãe. Conforme atestam estudos arqueológicos, históricos e antropológicos, o culto à Deusa esteve presente nas mais diversas sociedades desde tempos imemoriais. O princípio sagrado feminino desdobrou-se em diversas facetas e arquétipos diferentes da Grande Mãe: a jovem mulher, a mãe, a anciã; etapas que demarcam o ciclo vital e são carregadas de significações nas mais diversas culturas (FAUR, 2011).

Esta Deusa, conhecida como a “Senhora dos dez mil nomes” foi adorada por diferentes sociedades ao longo do estágio inicial da agricultura, tido pelos historiadores como um período relativamente harmonioso, onde a vida era percebida como dádiva da terra. Nesse contexto, o princípio criador funcionava como forma de unidade entre toda a vida, engendrando coesão entre o mundo natural e o mundo material humano; percebidos como pertencentes à grande teia da vida, substância do próprio corpo da Deusa (OLIVEIRA, 2005; CORDOVIL, 2015).

As estátuas das Vênus do Paleolítico, primeiras representações da divindade elaborada pelos humanos fazem menção a esta Grande-Mãe, que representava os poderes geradores de vida. As imagens das Vênus apresentam um certo exagero nas proporções femininas, como o quadril, os seios, ventre e vulva. Tal exagero, segundo estudos, é deliberado, pois aquelas partes do corpo estão ligadas ao mágico e ao sagrado, a fonte produtora e reprodutora da vida (OLIVEIRA, 2005).

Para Faur (2011), o culto à Deusa não desapareceu, ao longo da história, em sua totalidade. O que se assistiu foi um longo processo de apagamento de tais conhecimentos, legitimado pela implantação da religião judaico-cristã. Seguiu-se um caminho de ascensão-florescimento-declínio, amparado nas mudanças sócio-históricas-culturais que se apresentaram. A autora sugere que os vestígios da memória do culto à Grande Mãe podem ser encontrados no inconsciente coletivo, nos contos de fadas, nas diversas mitologias e cosmovisões de diferentes povos, além dos costumes populares.

A dominação cristã utilizou-se dos rituais pagãos das comemorações da Roda do Ano e das cerimônias consagradas às mudanças do ciclo vital, além do estabelecimento das grandes igrejas em locais outrora destinados ao culto das deusas nórdicas, greco-romanas e celtas. Como não era mais possível a manutenção dos conhecimentos e princípios femininos de fertilidade e ligação com a natureza, o modo de vida organizado na solidariedade e compartilhamento dos recursos a partir da inexistência de hierarquias ou dominação, próprios ao período agrícola dos nossos ancestrais, tais saberes ficaram ocultos sob mantos do profano, das “bruxas”, práticas esotéricas e rituais camuflados (FAUR, 2011).

Para Mirela Faur (2011), o ressurgimento da Grande Mãe conecta-se ao processo de despertar da consciência e mudanças planetárias, onde existe a busca por harmonia e integração entre os povos e ligação com a Natureza e o Universo.

Assim entende Rosalira Oliveira (2005, p. 7):

[...] a recuperação da história das mulheres e a reconstrução do passado pela ótica feminina têm muito a dizer aos homens e mulheres de hoje. Pode oferecer uma alternativa para as relações entre os sexos no mundo contemporâneo e contribuir para criar novos padrões de relacionamento entre o homem e o mundo natural.

Nesse sentido, as reuniões em Círculos originalmente estavam vinculadas às religiões e tradições antigas, que entendiam o simbolismo do círculo como manifestação dos ciclos planetários; as trocas de estações; a própria construção dos túmulos em formatos circulares; o uso de rodas como símbolos mágicos e amuletos de proteção; a Roda do Tempo pertencente à deusa hindu Kali, a Roda do Zodíaco; a Roda do Ano, ligada à deusa etrusca Vortumma; a Roda do Renascimento, Roda tibetana do Kharma e do Dharma; a Roda do Destino e da Fortuna presentes no tarô. Ora, trata-se da recuperação do fenômeno de integração do homem à natureza na Grande Roda da Criação (FAUR, 2011).



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

Nos Círculos de Sagrado Feminino, as atividades objetivam o resgate das características naturais associadas ao feminino; lançando mão de antigos elementos de estigma, que são apropriado, ressignificados e transformados em objetos que encerram resistências.

No dizer de Oliveira (2005), localiza-se no centro da proeminência conferida à Deusa algo consideravelmente presente no Círculo de Mulheres, a saber, a valorização do diferente e crítica ferrenha às instituições patriarcais. Todos elementos se apresentam enquanto fontes estratégicas de sustentação da concepção do matriarcado e sua carga histórica; como também de formas propositivas de organização e distribuição do poder entre homens e mulheres.

Em busca de tais horizontes sociais, os Círculos de Mulheres se dispõe a oferecer concepções outras que não a lógica hegemônica; possuindo percepções atreladas à espiritualidade de valorização do cuidado, do papel provedor, construção de espaços relacionais de atenção e afeto; além do resgate das dimensões masculinas que residem em cada mulher e das características femininas que habitam cada homem. Portanto, tais práticas corroboram para a construção de gêneros um pouco mais “descolados” dos caracteres sexuais, corporais (CORDOVIL, 2015).

Materiais e Métodos

O presente trabalho intenta abordar as categorias *Ecofeminismo* e *Círculos do Sagrado Feminino* e sua relação com as questões de *gênero*. Tais categorias se comunicam pela presença marcante do Movimento Feminista em suas diversas ondas e vertentes.

Assim, de modo a apresentar a temática proposta, será realizado o procedimento metodológico de revisão bibliográfica, que pretende aprofundar o diálogo acerca das categorias centrais de análise com base nas obras e publicações de maior relevância e contato. Nesse sentido, conforme sugerem Marconi e Lakatos (2003), a revisão bibliográfica, desde que amparada pelo uso de técnicas e métodos pertinentes ao trabalho científico, pode ir além da mera repetição do que havia sido dito por outros estudiosos em relação ao assunto. Portanto, trata-se da análise da questão central a partir de nova perspectiva ou faceta, com o objetivo de chegar a atualizações eficazes, conclusões pertinentes.

Resultado e Discussão

A reunião de mulheres em os Círculos de Mulheres, ou Círculos do Sagrado Feminino, prática inicialmente atrelada à espiritualidade da Wicca, traz em sua proposta o resgate de valores femininos, a solidariedade e o cuidado entre as integrantes. A temática de discussão inicia-se comumente sobre o período da própria menstruação como significante feminino máximo. A partir disso, os diálogos e rituais tecidos pelas participantes aprofundam-se em tópicos como sexualidade, família, maternidade, trabalho e conflitos interpessoais. Encontra-se em tais Círculos: “[...] uma mescla entre práticas que remetem diretamente à espiritualidade, como confecções de altares e meditações, e práticas e trabalhos manuais que simbolizam questões relacionadas à feminilidade” (CORDOVIL, 2015, p. 440).

De acordo com pesquisas da autora, o perfil das participantes dos Círculos do Sagrado Feminino abrange o predomínio de pertencimento ao ambiente urbano ou cosmopolita, classe média e ligação com o meio universitário. Os depoimentos colhidos em seu trabalho mostram a busca dos Círculos de Mulheres essencialmente motivada pela resolução das contradições inerentemente femininas na contemporaneidade (CORDOVIL, 2015).



FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

Conforme sustenta Cordovil (2015), por mais que a existência de um período matriarcal não seja consenso entre os arqueólogos, antropólogos e historiadores, atualmente vê-se um ressurgimento do imaginário da mulher como ser sagrado, muitas vezes ligado a certa corrente espiritualista. A eclosão do movimento feminista no Ocidente também contribuiu com a difusão de tal pensamento, ao trazer as pautas de equilíbrio da mulher com o próprio corpo e busca de um lugar digno no campo social. A ressignificação do sagrado feminino caminha de mãos dadas com o simbolismo do sangue menstrual e nos denominados mistérios femininos, como a menarca, a gravidez, menopausa e o próprio ato sexual.

Assim, o simbolismo da Grande Deusa, da Grande Mãe, proporcionam às mulheres contemporâneas uma fonte de inspiração na construção do poder pessoal feminino, celebração de seus corpos e desejos naturais, além do estabelecimento de vínculos; em contraposição ao modelo pregado pela cultura patriarcal. Tais sujeitos femininos, a partir do processo de identificação com a figura arquetípica da Deusa, iniciam o processo de reverência à sacralidade daqueles aspectos ignorados ou tidos como negativos pelas religiões tradicionais e pela organização cultural judaico-cristã (OLIVEIRA, 2005).

Os Círculos do Sagrado Feminino proporcionam o entendimento de que cada mulher é única e traz dentro de si a chama da Deusa, independentemente de sua posição de classe, raça, escolaridade ou faixa etária. A autora assegura que tais percepções de expansão consciencial adquirem enfoque multirracial, pancultural e internacional na medida em que colaboram para o empoderamento das mulheres (FAUR, 2011).

Conclusões

A partir dos estudos dos Círculos de Mulheres, seus anseios de mudanças e práticas de ressignificação acerca dos corpos e modos de vida, torna-se possível estabelecer um paralelo com as perspectivas dos estudos do Ecofeminismo. Nesse sentido, percebe-se que existe uma afinidade de propostas, o que permite a convergência das especulações epistemológicas de construção de modos alternativos de existência com as demandas historicamente propostas pelas mulheres feministas em seus anseios por igualdade e conquista da condição de Sujeito, inclusive de sujeitos de direitos, como ilustram as lutas pelo direito ao voto, travado pelas sufragistas, na denominada primeira onda do Movimento Feminista.

Conforme apontou a professora Dr.^a Maria Dione Carvalho de Moraes no último encontro realizado pelo Quarta na Pós, evento realizado no âmbito do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Social da Unimontes, as perspectivas e epistemologias feministas abriram uma ferida narcísica no paradigma antropocêntrico; especialmente as propostas de valorização das características historicamente atreladas a este grupo, como por exemplo, a valorização dos afetos e uso da intuição nas pesquisas.

De tal modo, o presente trabalho ofereceu explanação breve das categorias analíticas centrais, definindo-as e permitindo a percepção da existência de uma ligação entre as mesmas. Tal contiguidade se apresenta ao nível epistemológico, de campo de conhecimentos, e ao nível das práticas, de propostas diferenciadas de ser e estar no mundo, bem como o fornecimento de estratégias de militância.

Entende-se ser necessário o prosseguimento dos estudos, para que mais particularidades possam ser desvendadas; o que poderia fornecer contribuições valiosas tanto aos estudos.

Referências Bibliográficas

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 935 p.



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M

ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

CORDOVIL, Daniela. O poder feminino nas práticas da Wicca: uma análise dos “Círculos de Mulheres”. **Estudos Feministas**, v. 23, n. 2, p. 431-449, 2015.

FAUR, Mirella. Círculos sagrados para mulheres contemporâneas. São Paulo: Pensamento, 2011.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

OLIVEIRA, Rosalira. Em nome da Mãe: o arquétipo da Deusa e sua manifestação nos dias atuais. **Revista Ártemis**, n. 3, p. 1-16, 2005.

ORTNER, Sherry Beth. Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura? In: **A mulher, a cultura e a sociedade**. ROSALDO, Michelle Zimbalist; LAMPHERE, Louise (orgs.). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, História e Poder. **Revista Sociologia Política**, v. 18, n. 36, p. 15-23, 2010.

Apoio Financeiro: CAPES